





POR Lino Bocchini FOTOS Nino Andrés

VASTAS EMOÇÕES

A carioca Paula Parisot enfrenta o desafio do segundo livro se expondo em performance em que encarna um personagem criado por ela: "A melhor biografia do escritor é sua obra", diz, parafraseando o mestre Rubem Fonseca

“Que tipo de escritora é você que anda sem um caderninho? Você não é uma escritora nem nunca vai ser.” Corta. Duas semanas depois: “Você só não vai ser uma escritora se não quiser”. As frases são do escritor Rubem Fonseca. Quem o fez mudar de ideia tão rápida e radicalmente foi Paula Parisot. Ela lançou, em março, seu segundo livro, *Gonzos e Parafusos* (editora Leya). O lançamento chamou atenção graças a uma performance que custou R\$ 50 mil e durante a qual se trancafiou por sete dias em um cômodo de acrílico no meio de uma livraria paulistana. O contato entre os dois aconteceu de forma inusitada.

Paula morava a três quadras da casa de Rubem, no Leblon. Ela chegava às 6h45, todo dia, à padaria, que só abria às 7 horas. Ficava no banco em frente, muitas vezes sentada ao lado de Fonseca. “Ele é pequenininho, e eu imaginava que o Zé Rubem seria um homem alto. Mas ele é magro e baixinho.” Na hora do café da manhã, Paula pedia dois expressos e um pão na chapa; Rubem se contentava com uma média e um pão na chapa bem torrado, quase preto (“só ele para comer pão desse jeito”, comenta a escritora). Um dia tomou coragem e, quando ele pagou e saiu, disparou atrás, esquecendo a bolsa na cadeira. “Sabe aquela coisa de impulso? Cheguei e falei: ‘Você é o Rubem Fonseca?’ E ele, pouco simpático: ‘Sou’. Eu nervosa, tremendo: ‘É que eu escrevo...’, não sabia o que falar, gaguejava. Perguntei se podia mostrar o que escrevo e ele disse que sim e pediu pra eu anotar o endereço da casa dele.”

“SABE AQUELA
COISA DE IMPULSO?
CHEGUEI E FALEI:
‘VOCÊ É O RUBEM
FONSECA?’
E ELE, POUCO
SIMPÁTICO: ‘SOU’”

Foi aí que Paula percebeu que estava sem a bolsa – onde tinha caderninho e caneta – e levou a bronca que está na primeira linha deste texto. Ainda assim, saiu com o endereço na mão, manuscrito pelo próprio. Imprimiu trechos do que viria a ser seu primeiro livro, *Dama da Solidão*, deixou na portaria do prédio do escritor e ficou aguardando resposta. Esperou e voltou à padaria por 15 dias seguidos e... nada. Até que então recebeu um e-mail de Rubem convidando-a para ir à sua casa. Chegou lá e ele estava com os originais todos rabiscados. Simpático, soltou a segunda declaração da abertura desta reportagem. Sugeriu uma série de ajustes, e passaram a tomar café da manhã juntos no mesmo local quase todos os dias. Pouco depois, por indicação do decano, a Companhia das Letras lançava *Dama da Solidão*, estreia literária de Paula, que trazia a seguinte dedicatória: “Para Rubem Fonseca, sempre”.

BANHEIRO? SÓ COM O ROSTO COBERTO

No dia em que Paula contou essas histórias, já era a terceira vez que ela se encontrava com a reportagem de *Personnalité*. Foi, contudo, a primeira vez em que puderam conversar – “lembro exatamente de você, dos seus óculos, da barba. Lembro de todo mundo que foi lá”, disse, convicta. Nas vezes anteriores, ela estava em meio a uma performance e era, então, a baronesa Elizabeth Bachofen-Echt, modelo do pintor austriaco Gustav Klimt, falecido em 1918. Não podia falar palavra. Explicando melhor: para marcar o lançamento de *Gonzos e Parafusos*, Paula resolveu encarnar a personagem principal do romance, Isabela, em uma performance de uma semana. Foi construída uma sala com paredes de acrílico em um dos pisos da Livraria da Vila da rua Fradique Coutinho, Vila Madalena, bairro boêmio paulistano.

Ali Paula encarnou Isabela, que por sua vez, em certo ponto do livro, acredita que é a baronesa. A personagem resolve internar-se em uma clínica de repouso cuja descrição no romance inspirou o cômodo no qual a escritora ficou por sete dias e sete noites, em frente ao balcão de encomendas da loja, em meio a vendedores e clientes. As regras eram simples: não podia falar, ver TV, ouvir música ou ler. Tinha que ser Isabela, e não Paula. Só ia ao banheiro com o rosto coberto por um pano, guiada por um funcionário. Dormia ali mesmo, em uma cama de ferro, e era alimentada diariamente por alguma pessoa de seu círculo íntimo: marido, editor, pai, mãe, sogra(o), amiga e mestre.



Desafio do segundo livro é incomparável ao do primeiro

Gonzos e Parafusos é o segundo livro de Paula Parisot, o primeiro foi *A Dama da Solidão*. Perguntada sobre como é encarar esse segundo passo, Paula foi taxativa: "São desafios quase incomparáveis. Escrever o meu segundo livro e primeiro romance foi desafiador porque descobri que precisava de um fôlego que o meu primeiro livro, por ser de contos, não me exigiu. Mesmo assim, acredito que escrever conto é mais difícil, ainda que menos trabalhoso. Escrever um romance exige disciplina e motivação porque você não pode parar, tem que trabalhar com afinco diariamente, tem que se sentar na frente do computador ou com um caderno na mão, mesmo que não consiga escrever uma frase sequer".

No dia do mestre, novamente Rubem Fonseca mostrou que aposta alto na moça. Rompeu décadas de reclusão e de nenhum contato com a imprensa e fez uma raríssima aparição. Ficou três horas na loja. “Tinha muitos fotógrafos esperando na segunda, mas ele soube e não veio.” Apareceu na terça, com menos imprensa. Deu café da manhã à pupila e demonstrou um carinho muito grande por ela. “Eles interagiram, ele escreveu em papéis e mostrou pelo vidro; ela chorou, riu...”, relembra Rafael Seibliz, diretor da loja. Ao chegar, Fonseca primeiro se irritou bastante ao ver um fotógrafo. Berrou palavras. Em seguida, o mestre de 84 anos se acalmou e parecia fascinado com a pupila. Não deu entrevistas, só trocou rápidas palavras com jornalistas no café da loja, disse que Paula “é uma escritora com um futuro brilhante”. Junto ao cômodo, fez caretas, brincou com ela e balbuciou frases como “tem que comer, viu?”, “tá tão magrinha” e “chora não, meu bem”.

Gonzos e Parafusos, o livro lançado com a performance, conta a história de Isabela, jovem psicanalista com uma boa dose de esquizofrenia, obcecada pela baronesa Elizabeth Bachofen-Echt. Isabela vive absorta em pensamentos sobre a vida e a morte, coleciona histórias de suicídio, ama sua gata e participa de um triângulo amoroso com um colega de trabalho, bissexual.

TEXAS, PARIS

Apesar de a escritora afirmar que “a melhor biografia do escritor é sua obra” – frase, aliás, atribuída a Rubem Fonseca para justificar sua aversão pública, que alguns entendem como marketing –, vamos lá: Paula nasceu no Rio de Janeiro e, pré-adolescente, foi morar com uma de suas avós. Dormia na biblioteca da casa, em um dos poucos pontos em comum entre ela e a personagem central de *Gonzos*. Aí começou sua paixão pela literatura. Entrou em desenho industrial na PUC-RJ quando tinha de 16 para 17 anos. Recebeu a notícia durante um intercâmbio de seis meses no Texas – “não sei por que escolhi esse curso, mas... o que sabemos com 17 anos?”.

Aos 18, conheceu sua primeira grande paixão, um manager do American Ballet, companhia para a qual foi intérprete durante uma passagem pelo Rio. Tentou por dois anos achar uma forma de ir morar em Nova York com seu amado, e

RUBEM FONSECA
INTERAGIU
COM PAULA NA
PERFORMANCE.
“ELE ESCREVEU EM
PAPÉIS E MOSTROU;
ELA CHOROU, RIU...”





conseguiu. Após se formar, entrou no mestrado em Fine Arts (Belas Artes), na New School University, com foco em teatro. Morou quatro anos e meio por lá. Até que o curso acabou. E o relacionamento também. Apaixonou-se novamente. Dessa vez, por um ilustrador francês. E foi morar em Paris. Ali, viveu por dois anos. Viajou muito nesse período e, em suas viagens, gostava de comprar tecidos. O hábito mostrou-se útil no retorno ao Brasil, já separada do europeu. Começou a desenhar bolsas. Primeiro, para as lojas da mãe, depois para outras, mas acabou largando mão – “não tenho jeito pra essa coisa de comércio”.

Paralelo a isso tudo, Paula começou a escrever. E aí você já sabe o que aconteceu na padaria que ela frequenta. No mais recente capítulo de sua vida amorosa, Paula casou-se com o cineasta brasileiro Richard Haber, que a ajudou a se aprofundar no universo da arte performática. Hoje está em São Paulo, preparando-se para lançar *Gonzos e Parafusos* em Portugal e no México.

“ACHARAM QUE EU FOSSE NOSSA SENHORA”

“A performance foi interessante porque mexeu com o limite das artes, do que é escritor, artista, cineasta, atriz. Uma coisa invade a outra, e o diálogo é muito interessante”,

Rubem Fonseca prevê “futuro brilhante” para escritora

Para os jornalistas que estiveram na performance de Paula Parisot, Rubem Fonseca avaliou o trabalho da escritora como “maravilhoso” e previu para ela “um futuro brilhante”, além de sublinhar que sente “grande admiração” por seu trabalho. Para Alcir Pécora, professor de teoria literária da Unicamp, em *Gonzos e Parafusos*, “a personagem se interna quase que como se fosse um psicodrama para resolver questões pessoais”. Na

opinião de Pécora, “parece uma visão um pouco inverossímil, e não dá pra entender se ela imaginou que estivesse internada ou foi internada de fato”. Ele conclui dizendo que “ou ela foi um pouco ingênua, ou ela quis passar uma mensagem que não compreendi”. Já Marcos Strecker, coordenador das páginas de livros da *Ilustrada* e do *Mais!*, “não há nenhum problema em uma escritora querer se expressar em uma performance como fez Paula Parisot. Precisa ter muita força de vontade ou algo muito forte a expressar para encarar sete dias de confinamento”. Do ponto de vista literário, “ela ao mesmo tempo radicaliza os excessos da literatura feminina e mimetiza em exagero as fórmulas consagradas por Rubem Fonseca”.



Joseph Beuys e Marina Abramovic inspiram escritora


A ideia da performance de Paula Parisot nasceu depois do livro já pronto, quando ela viu em uma exposição em Nova York o vídeo *Coyote - I Like America and America Likes Me*, do artista Joseph Beuys. Na performance, feita em 1974, Beuys passou três dias isolado em um quarto em companhia de um coiote. O contato de Paula com esse universo, contudo, é anterior. Além de bastante interessada em artes plásticas em geral, seu marido, o cineasta brasileiro Richard Haber, já fez um documentário sobre a artista sérvia Marina Abramovic. Aos 63 anos, Marina é uma das principais responsáveis pelo reconhecimento desse tipo de manifestação como arte e está na ativa há mais de 30 anos. Até o fim de maio, ela reencenou as mais marcantes de suas performances, na primeira retrospectiva de arte performática já feita pelo MoMA, em Nova York.

comenta o arquiteto Fernando Falcon, que esteve na livraria interagindo com Paula. Ele foi um dos 9 mil clientes que passaram pela loja de Pinheiros durante os sete dias em que a escritora habitou o espaço. "O primeiro e o segundo dia foram muito difíceis, eu estava me julgando, pensava: 'O que eu tô fazendo aqui?', 'Isso é ridículo, não vou aguentar'. Mas na primeira noite dormi muito bem, como havia muito não dormia, sem nenhum tranquilizante. No terceiro dia, eu já tava naquele mundo. Levava aquilo tão a sério que não me incomodava se alguém não levava a sério."

A reação do público também foi um aprendizado. "Teve gente que falava que era ridículo, outros não tinham coragem de encarar. Uma menina dançou para mim, outra cantou, outro recitou poesia. Tinha um garoto de 17 anos que saía do colégio, passava lá e ficava uma hora todo dia. Uma menina leu o livro todo sentada ao lado da minha casinha. Uma senhora achou que eu fosse Nossa Senhora, ajoelhou, rezou Pai-Nosso, cantou Ave-Maria e começou a chorar, também chorei..." Paula diz que não é religiosa. "Não acredito em nada, mas acho que minha alma cresceu, descobri que aguento muito mais dor, muito mais angústia, alegria, frustração e euforia do que imaginava. Foi um exorcismo, deixei muita coisa lá dentro."

Isaias Oliveira foi o funcionário da livraria que mais perto permaneceu da performance. "As crianças ficavam deslumbradas, algumas curiosas, outras com medo. Teve uma cliente que escreveu um papel e colocou no vidro dizendo que estava apaixonada por ela e que a desejava muito. Alguns diziam que aquilo era uma bobagem...", recorda o rapaz, responsável pelo setor de encomendas da livraria. "Os únicos momentos mais tensos eram quando ela começava a gritar, os clientes ficavam um pouco assustados."

O pai de Paula, Eduardo Parisot Guterres, alimentou a filha no último dia de clausura, falou sobre a rotina no período que a escritora esteve na livraria. "Venho aqui, fico um pouco, saio, tomo uma cerveja... Não sei se é melhor ficar mais por aqui ou tomar outra cerveja." Curiosamente, a questão da idade pega um pouco tanto o pai como a filha. "Tenho 62 anos... [suspira]. É um crime, né?" Paula teve a idade questionada por um breve e-mail da reportagem – o assunto passou batido na conversa ao vivo. Respondeu: "Concordo com Oscar Wilde: 'Desconfie de uma mulher que confessa a sua verdadeira idade. Uma mulher que diz isso poderá dizer qualquer coisa'. Mas, enfim, o que posso fazer nos dias de hoje? Onde está o mistério? Já que não adianta ficar lutando contra isso, digo qualquer coisa e lhe confesso a minha idade: 31". ■



"DESCONFIE DE
UMA MULHER
QUE CONFESSA
A IDADE. MAS
O QUE POSSO
FAZER? ONDE
ESTÁ O MISTÉRIO?
TENHO 31"